



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS PINHEIRO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA

RAYANNE GABRIELE GOMES FURTADO

PRESENÇA E VOZ: Como a representatividade negra contribui para a construção da
identidade nas escolas

Pinheiro
2025

RAYANNE GABRIELE GOMES FURTADO

PRESENÇA E VOZ: como a representatividade negra contribui para a construção da
identidade nas escolas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Prof.^a. Esp. Elaine Cristine Cruz Chagas.

Pinheiro

2025

Furtado, Rayanne Gabrielle Gomes

Presença e voz: como a representatividade negra contribui para a construção da identidade nas escolas. Rayanne Gabrielle Gomes Furtado. – Pinheiro, MA, 2025.

58 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Pinheiro, 2025.

Orientadora(a): Profa. Esp. Elaine Cristine Cruz Chagas

1. Representatividade Negra. 2. Educação Antirracista. 3. Identidade racial.

I. Título.

CDU 373:316.647.82(812.1)

Ficha elaborada pela Bibliotecária: **Nicóle Lima Araujo – CRB-2 1893/O**

RAYANNE GABRIELE GOMES FURTADO

PRESENÇA E VOZ: como a representatividade negra contribui para a construção da identidade nas escolas

Monografia apresentada junto ao curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Elaine Cristine Cruz Chagas.

APROVADO EM:23/01/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ELAINE CRISTINE CRUZ CHAGAS
Data: 06/02/2025 11:24:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Esp. Elaine Cristine Cruz Chagas (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Documento assinado digitalmente
 ANTONY RUAN RODRIGUES
Data: 06/02/2025 10:40:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Antony Ruan Rodrigues
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Documento assinado digitalmente
 MARIA LUCIA DE SOUZA HOLANDA
Data: 06/02/2025 19:52:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ma. Maria Lúcia Souza Holanda
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Dedico este estudo a estudantes negros que, como eu, não se sentiam representados ou pertencentes em algum grupo social durante a sua jornada escolar. Seja por não conhecer as suas raízes culturais e ou a veracidade da história de um povo que constrói dia após dia uma nova autoimagem. E enfim tiveram o prazer de encontrar alguém que lhes mostrou um novo olhar a partir disso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de alcançar este marco, superando lutas e obstáculos ao longo do caminho.

À minha mãe, companheira incansável ao longo dos anos, por sempre me apoiar e mostrar que as conquistas são possíveis com determinação.

À estimada professora Mylla Froz, que iluminou meu entendimento sobre a verdadeira essência de ser negro, ajudando-me a construir uma identidade sólida, além das opiniões alheias.

Aos professores que se tornaram modelos durante esses anos na faculdade, minha aspiração é ser, ao menos, um terço do que cada um de vocês representou para mim como discente. Espero seguir seus passos e inspirar outros da mesma forma.

Agradeço profundamente a oportunidade de ter vivido essa trajetória na faculdade, cercada por pessoas inspiradoras que marcaram minha caminhada. Sou imensamente grata pelas experiências adquiridas, pelos desafios que me fortaleceram e, principalmente, por aqueles que foram luz em minha vida, me oferecendo apoio nos momentos mais difíceis.

A pedagogia sempre foi um sonho, e vê-lo tornar-se realidade ao ser admitida no curso foi um marco em minha história. Apesar das dificuldades enfrentadas, celebro hoje meu esforço, as amizades que construí e as experiências enriquecedoras que o curso me proporcionou. Essa jornada foi transformadora, e carrego comigo um coração cheio de gratidão e aprendizado.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar a importância da representatividade negra nas escolas para a formação da identidade dos alunos, utilizando uma metodologia híbrida que combina revisão bibliográfica integrativa e pesquisa de campo qualitativa. A revisão bibliográfica abrangeu produções acadêmicas sobre representatividade negra, educação antirracista e identidade racial, com foco em publicações recentes (2014-2024). Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 professores e gestores. As entrevistas buscaram explorar as práticas pedagógicas e percepções sobre a valorização da identidade negra, educação antirracista e os desafios para implementar as Leis 10.639/03 e 11.645/08. A análise dos dados foi feita com base na técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar padrões e reflexões sobre os impactos da representatividade negra na autoestima e identidade dos alunos. A pesquisa busca fornecer subsídios para práticas pedagógicas inclusivas, promovendo uma educação antirracista e culturalmente relevante, com ênfase na necessidade de fortalecer a presença de referências negras nas escolas.

Palavras-chave: Representatividade Negra; Educação Antirracista; Identidade Racial.

ABSTRACT

This research aims to analyze the importance of black representativity in schools for the formation of students' identity, employing a hybrid methodology combining an integrative literature review and qualitative field research. The literature review covered academic productions on black representativity, antiracist education, and racial identity, focusing on recent publications (2014-2024). In the field research, semi-structured interviews were conducted with 10 teachers and managers. The interviews aimed to explore pedagogical practices and perceptions regarding the valorization of black identity, antiracist education, and challenges in implementing Laws 10.639/03 and 11.645/08. Data analysis was carried out using content analysis techniques, enabling the identification of patterns and reflections on the impacts of black representativity on students' self-esteem and identity. The research seeks to provide insights for inclusive pedagogical practices, promoting antiracist and culturally relevant education, with an emphasis on the need to strengthen the presence of black role models in schools.

Keywords: Black Representativity; Antiracist Education; Racial Identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01-	Abordagem da valorização da identidade Negra na escola.....	39
Quadro 02-	Prática de educação antirracista na escola	40
Quadro 03-	Mudanças sugeridas para maior visibilidade do tema.....	42
Quadro 04-	Posicionamento dos educadores sobre a questão	44
Quadro 05-	Perspectiva diferente apresentada.....	45
Quadro 06-	Contribuições docentes para a representatividade Negra.....	47
Quadro 07-	Comentários adicionais sobre a pesquisa.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA	14
3 REPRESENTATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	18
4 O RACISMO E A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM.....	22
4.1 Reforço da identidade e educação antirracista.....	25
4.2 Práticas pedagógicas curriculares	32
5 METODOLOGIA	36
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES.....	57

1 INTRODUÇÃO

A presença afro-brasileira está profundamente enraizada nos mais variados aspectos da sociedade, manifestando-se em nomes, vestimentas, danças, culinária e, de forma ainda mais íntima, na própria percepção identitária. Para os descendentes dessa herança, as africanidades representam um legado histórico e cultural que deve ser reconhecido e valorizado. No entanto, nos dias atuais, questiona-se de que maneira esse patrimônio é compreendido e promovido no contexto social e educacional.

A educação, de modo geral, enfrenta desafios complexos, sendo a educação antirracista uma área que, embora amplamente debatida, ainda encontra barreiras dentro e fora das instituições de ensino. Apesar de estar presente nas discussões sociais contemporâneas, essa abordagem é frequentemente subestimada ou tratada de forma superficial. A formação de identidades sólidas exige a valorização das múltiplas vertentes que compõem cada indivíduo, e a educação exerce um papel indispensável ao oferecer uma perspectiva abrangente sobre a sociedade, incluindo sua cultura, vínculos sociais e diversidade.

A promoção da educação antirracista transcende os conteúdos formais previstos nos currículos escolares ou estabelecidos por legislações específicas. Ela depende da qualidade do conhecimento e das narrativas transmitidas no ambiente educacional, que devem contemplar e valorizar a diversidade. A construção identitária por sua vez, é um processo contínuo, moldado por experiências, vivências e interações ao longo do tempo. Nesse contexto, os educadores assumem um papel central ao se tornarem referências positivas para estudantes negros, fortalecendo suas autopercepções e contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

A representatividade negra nas escolas configura-se como um elemento essencial para a promoção de uma educação inclusiva e antirracista. A escassez de docentes negros e a ausência de conteúdos pedagógicos que valorizem a cultura afro-brasileira impactam diretamente a autoestima e o senso de pertencimento desses estudantes. Esse vácuo no processo educacional não apenas reforça preconceitos raciais, mas também mantém um sistema que ignora a pluralidade cultural brasileira, refletindo e perpetuando as desigualdades sociais.

Embora as Leis 10.639/03¹ e 11.645/08² tenham representado avanços significativos ao determinarem a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, sua implementação enfrenta entraves consideráveis. Em muitas instituições, a aplicação dessas normas ocorre de maneira superficial, sem um compromisso efetivo com a valorização da cultura afro-brasileira. Essa lacuna demonstra a necessidade de um engajamento mais profundo na construção de um ambiente escolar inclusivo, no qual os estudantes negros possam reconhecer-se como sujeitos de valor, pertencentes a uma rica e diversa herança cultural.

A ausência de referências positivas no currículo e a escassez de professores negros comprometem a eficácia das políticas de inclusão, perpetuando um sistema educacional que ainda marginaliza alunos negros. Dessa forma, torna-se fundamental adotar práticas educativas que reconheçam e promovam a diversidade cultural, buscando, assim, superar as barreiras históricas e contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e representativa.

Diante desse contexto, a presente pesquisa se propõe a investigar: Como a representatividade negra contribui para a construção da identidade nas escolas? A questão central deste estudo busca explorar de que forma a presença de referências negras, tanto nos conteúdos pedagógicos quanto nas práticas pedagógicas dos educadores, pode influenciar a formação da identidade, a autoestima e o sentimento de pertencimento dos estudantes negros.

Além disso, é fundamental compreender os impactos da ausência dessa representatividade no fortalecimento de discursos e práticas racistas que ainda persistem em muitas escolas. A construção de uma identidade positiva para os alunos negros passa, em grande medida, pela visibilidade e pelo reconhecimento de suas histórias, culturas e contribuições.

A relevância desta pesquisa se dá pela necessidade de reconhecer e valorizar a pluralidade cultural no ambiente educacional brasileiro. A sociedade brasileira é composta por uma diversidade de culturas, etnias e histórias que, quando ignoradas ou mal representadas no contexto escolar, resultam em um currículo empobrecido que não reflete a realidade do país.

¹ BRASIL, Lei nº 10.639/03 – altera a Lei nº-9.394, de 20 de dezembro de 1996 para incluir de forma obrigatória a temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo das redes de ensino.

² BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008 – acrescenta à Lei nº-9.394, já modificada, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena no currículo das redes de ensino.

Nesse contexto, a pesquisa se justifica pela necessidade de analisar a importância de se ter educadores negros ou referências positivas no processo educativo, bem como entender os efeitos da sua presença sobre a percepção que os alunos têm de si mesmos e sobre a autoestima deles.

Ademais reforçada pela sua crescente demanda social por uma educação antirracista, inclusiva e representativa. Ao analisar o papel da representatividade negra na construção da identidade dos alunos, pretende-se oferecer subsídios teóricos e práticos que possam orientar educadores, gestores escolares e formuladores de políticas educacionais na promoção de uma educação mais inclusiva e antirracista.

Para isso, será necessário investigar como a presença de educadores negros e de conteúdos que abordam a história e cultura afro-brasileira impactam o processo de formação da identidade dos alunos, tanto no que diz respeito à autoestima quanto ao sentido de pertencimento ao espaço escolar. Dessa forma, buscando compreender as dinâmicas entre representatividade e identidade dentro do ambiente educacional, propondo novas abordagens pedagógicas que contribuam para o combate ao racismo e para a promoção da equidade racial nas escolas.

Assim, a presente pesquisa busca não apenas evidenciar a importância dessas questões, mas também contribuir para a construção de uma educação que celebre as múltiplas identidades e culturas que compõem a sociedade brasileira.

A temática foi pensada para enfatizar a importância de tornar a escola um espaço seguro para discussões sobre a representatividade e identidade negra, reconhecendo a diversidade presente em nosso país. Composta por sete capítulos, cada um abordam aspectos relevantes que contribuem para a compreensão e importância na sociedade. De forma resumida, traz conceitos e explora os fatores históricos, sociais e culturais que influenciam a formação da identidade negra, a aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, o racismo estrutural, os impactos que a falta de uma representatividade positiva gera e como os professores e os conteúdos são aliados para uma educação inclusiva e antirracista.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A construção da identidade negra é um processo complexo e multifacetado, influenciado por fatores históricos, culturais, sociais e políticos. Desde os períodos de colonização e escravidão, até as lutas contemporâneas por igualdade racial, a identidade negra tem sido moldada por resistências e reafirmações, destacando-se como elemento central na busca pela valorização das pessoas negras e pela construção de uma sociedade mais equitativa.

Historicamente, a escravidão transatlântica foi um marco devastador na formação da identidade negra. Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram forçadamente retirados de suas terras e culturas para serem explorados como mão de obra escrava em territórios como as Américas e o Caribe (Ganem, 2022). Esse deslocamento violento rompeu laços culturais e familiares, gerando um processo de desumanização que buscava apagar as identidades africanas. Contudo, mesmo sob condições desumanas, os povos negros resistiram, preservando elementos de sua cultura, como línguas, religiões e tradições, em um processo de resiliência cultural (Lutife, 2021).

A partir do século XX, movimentos negros começaram a emergir de forma mais organizada, reivindicando direitos e promovendo a valorização da cultura afrodescendente. No Brasil, a Frente Negra Brasileira (1931) e, posteriormente, o Movimento Negro Unificado (1978), foram fundamentais na luta contra o racismo e na promoção da identidade negra como símbolo de resistência e orgulho. Esses movimentos trouxeram à tona debates sobre a importância da representatividade e do combate aos estereótipos raciais (Vieira, 2016).

O conceito de identidade negra vai além do reconhecimento racial. Ele engloba a valorização de características culturais, históricas e estéticas que foram, por muito tempo, negadas ou desvalorizadas. A literatura e as artes desempenharam um papel crucial nesse processo. Escritores como Carolina Maria de Jesus e Abdias Nascimento abordaram a realidade das comunidades negras, promovendo o resgate de histórias e tradições que reafirmam a negritude como parte essencial da identidade brasileira.

A educação também desempenha um papel vital na construção da identidade negra. A aprovação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e

cultura afro-brasileira nas escolas, foi um marco no combate à invisibilidade histórica dos negros no Brasil.

Essa legislação visa desconstruir visões eurocêntricas, promovendo uma perspectiva que valorize as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes na formação da sociedade brasileira. No entanto, a implementação efetiva dessa lei ainda enfrenta desafios, como a falta de formação adequada dos professores e a escassez de materiais didáticos representativos.

A representatividade nos espaços midiáticos e institucionais é outro elemento crucial na construção da identidade negra. Por muito tempo a mídia perpetuou estereótipos negativos sobre pessoas negras, associando-as a papéis subalternos ou criminalizados. A representatividade negra na mídia muitas vezes é reduzida a estereótipos unidimensionais e caricaturas, marginalizando as experiências e identidade racial. Tais representações simplistas perpetuam a ideia de que os negros são limitados a papéis secundários, invariavelmente ligados a criminalidade ou pobreza (Observatório Da Diversidade, 2023).

A autoestima e o orgulho racial também são componentes essenciais nesse processo. Estudos como os de Santos (2021) indicam que a ausência de representatividade positiva nos espaços educacionais e culturais pode impactar negativamente a formação identitária de crianças e jovens negros. Por outro lado, quando as crianças encontram referências que valorizam sua cultura e história, sua autoestima é fortalecida, permitindo-lhes desenvolver um senso de pertencimento e autovalorização.

No âmbito familiar e comunitário, a transmissão de valores culturais e a vivência de tradições afrodescendentes são estratégias importantes para o fortalecimento da identidade negra. Em muitas comunidades, a religiosidade afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda, atua como espaço de resistência e reafirmação cultural. Essas tradições, frequentemente marginalizadas pela sociedade, desempenham um papel crucial no reconhecimento das raízes africanas e na promoção do respeito à diversidade.

As relações raciais no Brasil, marcadas por um racismo estrutural, são um dos principais obstáculos à construção da identidade negra. A ideia de democracia racial, amplamente difundida no século XX, amplamente discutida por Florestan Fernandes, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e outros autores discutem criticamente a democracia racial, essa em questão mascarou desigualdades profundas, dificultando

a percepção das dinâmicas racistas que permeiam a sociedade. Essa narrativa mascara as lutas negras, impedindo que a identidade negra fosse plenamente reconhecida e valorizada (Santos, 2022).

O papel dos movimentos sociais é inegável na luta pela construção da identidade negra. A partir das décadas de 1970 e 1980, a consolidação do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, trouxe à tona a importância de Zumbi dos Palmares e de outros heróis negros na história do Brasil. Essa data simboliza a resistência negra e a luta por direitos, além de promover reflexões sobre o racismo e as desigualdades sociais.

A arte tem desempenhado um papel fundamental servindo como uma poderosa ferramenta de expressão e resistência. Músicos como Gilberto Gil e Elza Soares trouxeram a negritude para o centro da cena cultural brasileira, com canções que abordam as vivências, as dores e as conquistas do povo negro. Da mesma forma, cineastas como Adélia Sampaio e artistas visuais como Rosana Paulino utilizam suas produções para desafiar narrativas eurocêntricas, apresentando uma visão rica e diversificada da experiência negra. Essas obras não apenas promovem o reconhecimento da cultura afrodescendente, mas também questionam os estereótipos que historicamente marginalizaram as populações negras.

Embora o processo de construção da identidade negra seja essencialmente coletivo, ele também possui nuances profundamente individuais. Cada pessoa negra vivencia sua identidade de forma única, influenciada por fatores como gênero, classe social e localização geográfica. Mulheres negras, por exemplo, enfrentam uma interseccionalidade de opressões, lidando simultaneamente com o racismo estrutural e o machismo. Nesse contexto, intelectuais e ativistas feministas negras, como Lélia Gonzalez, têm sido pioneiras na luta pela visibilidade dessas questões, promovendo uma perspectiva interseccional que valoriza as especificidades de cada vivência dentro da coletividade negra (Leal, 2024).

A globalização e o advento das redes sociais ampliaram as possibilidades de construção e expressão da identidade negra. Essa conexão global possibilita que pessoas negras de diferentes contextos culturais se reconheçam e compartilhem suas experiências, fortalecendo laços de solidariedade e construindo uma narrativa mais plural sobre a negritude.

Além disso, as redes sociais têm potencializado movimentos artísticos e ativistas, dando visibilidade a produções culturais que antes eram marginalizadas

pelos meios tradicionais. Influenciadores negros, coletivos artísticos e criadores independentes têm utilizado essas plataformas para reivindicar espaço e apresentar conteúdos que celebram a identidade negra. Essa presença digital não apenas promove a valorização da cultura negra, mas também desafia o racismo estrutural ao ocupar espaços anteriormente restritos.

Portanto, a construção da identidade negra é um processo que se dá tanto na esfera individual quanto na coletiva, com a arte e as tecnologias contemporâneas desempenhando papéis centrais. Seja através da música, do cinema, das artes visuais ou das redes sociais, a negritude encontra formas de se afirmar e se fortalecer, oferecendo ao mundo uma perspectiva rica e transformadora sobre a experiência negra. Essa construção é um ato contínuo de resistência e celebração, que reafirma a relevância e a contribuição das populações negras para a sociedade.

No entanto, o racismo ainda é uma barreira significativa. Apesar dos avanços, a discriminação racial persiste em diversos âmbitos, como o mercado de trabalho, o sistema de justiça e a educação. Combater essas desigualdades é essencial para que a identidade negra possa ser vivida em sua plenitude, sem medo ou restrições impostas por preconceitos.

Em suma, a construção da identidade negra é um processo histórico e social, marcado por desafios e conquistas. Ela envolve o reconhecimento da história, a valorização da cultura, a luta contra estereótipos e a busca por representatividade. Apesar das dificuldades, as resistências individuais e coletivas demonstram a força e a riqueza da identidade negra, que continua a se afirmar como elemento essencial para a transformação de uma sociedade mais justa e igualitária.

3 REPRESENTATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A representatividade negra no ambiente escolar vai além da mera presença de professores negros; envolve também a incorporação de conteúdos que celebrem a cultura afro-brasileira no currículo escolar. Este tema é de extrema importância para a formação da identidade e da autoestima de crianças negras, promovendo uma educação mais inclusiva e equitativa. A Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, é um marco nesse processo. No entanto, a implementação efetiva dessa lei enfrenta diversos desafios, como a falta de preparação docente e resistências institucionais. “A luta por representatividade negra não se limita apenas à presença física, mas também à transformação estrutural e simbólica de espaços que historicamente excluíram corpos e vozes negras.” (Santos, 2019, p.45).

A presença de professores negros em escolas representa um exemplo vivo de resistência e de quebra de estereótipos. Como argumentam Kowalski e Pedroso (2020), professores negros não só desafiam preconceitos raciais, mas também funcionam como modelos positivos para estudantes negros. Essa presença contribui para a criação de um ambiente escolar mais empático, acolhedor e diverso. Professores negros compartilham experiências e perspectivas que enriquecem o processo educacional, tornando-o mais relevante e inclusivo.

A representatividade no currículo escolar é uma ferramenta poderosa para a promoção da inclusão e para a construção de uma sociedade mais justa. A Lei 11.645/08, ao complementar a Lei 10.639/03, amplia a obrigatoriedade de ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira, incluindo também a cultura indígena. Entretanto, sua implementação ainda enfrenta desafios consideráveis, uma vez que muitas escolas mantêm uma abordagem eurocêntrica nos conteúdos didáticos. Essa perspectiva limitada negligencia a rica contribuição das culturas africanas e indígenas para a formação da sociedade brasileira, privando os estudantes de um conhecimento abrangente e crítico sobre a história do país.

A ausência de conteúdos que refletem a diversidade cultural no currículo escolar afeta diretamente a percepção de pertencimento dos alunos, especialmente daqueles que integram grupos historicamente marginalizados. Conforme apontam Guimes Filho *et al.*, (2012), a escola é um espaço central na socialização das crianças, sendo responsável por moldar suas primeiras visões de mundo. Quando o currículo

desconsidera a representatividade cultural, reforça-se a exclusão social e a invisibilidade das culturas negras e indígenas, o que pode levar à baixa autoestima e a um senso de deslocamento por parte dos estudantes dessas origens.

Por outro lado, a inclusão de conteúdos que valorizem a cultura negra e indígena no currículo escolar é essencial para transformar a experiência educacional em um processo de empoderamento. Quando os estudantes têm acesso a narrativas que exaltam a contribuição de seus antepassados, eles desenvolvem uma visão mais positiva de si mesmos e de suas comunidades. Essa valorização cultural, além de promover a autoestima, fortalece a consciência crítica dos alunos, preparando-os para reconhecer e questionar as desigualdades sociais, tornando-se agentes ativos na construção de uma sociedade mais igualitária.

Portanto, a escola deve assumir o compromisso de ser um espaço inclusivo e representativo, garantindo a implementação efetiva das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Isso não apenas contribui para o reconhecimento e valorização das culturas africanas e indígenas, mas também fortalece a cidadania e o respeito à diversidade. Ao refletir a pluralidade da sociedade brasileira no currículo, o ambiente escolar promove a construção de identidades mais seguras e a formação de indivíduos capazes de transformar a realidade social.

A resistência à inclusão de conteúdos afro-brasileiros no currículo muitas vezes reflete preconceitos enraizados e uma visão limitada do papel da educação. Essa resistência também se manifesta na falta de materiais didáticos adequados e na escassa formação docente sobre temáticas raciais.

A representatividade negra nas escolas também beneficia estudantes não negros, pois quando todos os estudantes têm acesso a uma educação que celebra a diversidade, eles desenvolvem empatia e compreensão sobre as questões raciais, quebrando preconceitos e promovendo a igualdade. Nesse sentido, a inclusão de temáticas afro-brasileiras não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também de formação cidadã.

Os professores desempenham um papel crucial na construção de uma educação antirracista, promovendo uma representatividade positiva que valoriza as histórias e contribuições das populações negras, ressignificando imaginários e desconstruindo preconceitos (Cândido, 2021, p.78).

Investir na capacitação de professores e na produção de materiais que valorizem a cultura afro-brasileira é essencial para superar esses desafios. Como

apontam Santos e Almeida (2018), educadores bem-preparados são agentes transformadores no combate ao racismo e na promoção da inclusão.

Os movimentos sociais têm desempenhado um papel fundamental na promoção da representatividade negra no ambiente escolar, especialmente ao exigir mudanças estruturais no sistema educacional. O Movimento Negro Unificado (MNU), por exemplo, tem sido uma voz ativa na luta pela inclusão de conteúdos afro-brasileiros no currículo escolar, garantindo que a história e a cultura negras sejam valorizadas. Esses movimentos também destacam a importância da presença de profissionais negros na educação, tanto como docentes quanto em cargos administrativos, reconhecendo o impacto positivo que essa representatividade tem na formação das crianças e adolescentes (Van Dijk, 2024).

Além da atuação política, esses movimentos promovem a conscientização social sobre a relevância da diversidade no espaço escolar. Ao pressionarem por iniciativas como a efetiva implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, essas organizações visam não apenas combater o racismo estrutural, mas também criar condições para que todos os estudantes se reconheçam na história ensinada. Essa luta é reforçada por campanhas, eventos e parcerias com instituições educacionais, que buscam sensibilizar gestores e professores para a importância de práticas pedagógicas mais inclusivas.

Projetos pedagógicos inovadores que incorporam a cultura afro-brasileira têm demonstrado como a escola pode ser um espaço de transformação social. A celebração do Dia da Consciência Negra, por exemplo, tem sido utilizada por muitas escolas como uma oportunidade de abordar o racismo e valorizar a herança cultural negra. Atividades como rodas de conversa, exposições artísticas e apresentações culturais oferecem aos estudantes negros um espaço de reconhecimento e pertencimento, ao mesmo tempo em que educam a comunidade escolar sobre a riqueza e a diversidade cultural do Brasil.

A literatura afro-brasileira também tem se destacado como uma ferramenta pedagógica poderosa. Obras de autores como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus são cada vez mais utilizadas no ambiente escolar para enriquecer o currículo e trazer à tona narrativas que muitas vezes são negligenciadas. Essas leituras não apenas ampliam o repertório cultural dos estudantes, mas também estimulam a reflexão crítica sobre questões de raça, desigualdade e resistência, promovendo um diálogo aberto e enriquecedor entre alunos e professores.

Dessa forma, a colaboração entre movimentos sociais, educadores e gestores escolares é essencial para transformar a educação em um instrumento de promoção da igualdade racial. Projetos pedagógicos inclusivos, alinhados às demandas dos movimentos negros, contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a diversidade. Ao valorizar a cultura afro-brasileira no ambiente escolar, cria-se um espaço onde todos os estudantes se sintam representados, empoderados e preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade plural.

A representatividade negra também tem impacto na forma como os estudantes negros percebem suas perspectivas de futuro. Quando se veem refletidos em professores e conteúdos escolares, eles passam a acreditar em suas próprias capacidades e a visualizar possibilidades de sucesso em suas vidas. Segundo Silva (2019), a falta de modelos positivos pode limitar as aspirações dos estudantes negros, enquanto a presença de representatividade os inspira a sonhar mais alto e a perseguir seus objetivos.

Logo, a falta de representatividade no corpo docente, nos materiais didáticos e nas narrativas escolares impacta negativamente não apenas os alunos negros, mas também os brancos, que são desafiados a refletir sobre questões de diversidade e justiça social. Quando o currículo escolar ignora ou distorce as contribuições das pessoas negras, ele contribui para a naturalização de estereótipos, reforçando a marginalização dessas vozes. Dessa forma, a representatividade negra quando presente contribui para a ressignificação dessas narrativas, assim promovendo um ambiente educacional que combata o racismo estrutural presente na sociedade.

4 O RACISMO E A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM

A relação entre racismo e a construção da autoimagem é um tema central na formação das identidades negras no Brasil. O racismo, enquanto fenômeno estrutural e simbólico, influencia profundamente a maneira como os indivíduos negros se percebem e como são percebidos pela sociedade. No ambiente escolar, o racismo muitas vezes se manifesta de forma sutil, por meio de estereótipos, comentários e atitudes que marginalizam os estudantes negros. Esses estigmas afetam diretamente a construção da autoimagem e a autoestima dos alunos, criando um ambiente de exclusão e discriminação.

A construção da autoimagem, especialmente no contexto escolar, é um processo dinâmico e interativo, influenciado por diversos fatores, como a interação com colegas, professores e a sociedade em geral. A presença de estigmas raciais pode gerar conflitos internos nos estudantes negros, que muitas vezes se veem obrigados a lidar com a pressão de se conformar a padrões de beleza e comportamento que não refletem sua realidade. Consorte (1999) destaca que a identidade negra é construída em um processo contínuo de resistência e ressignificação, que se dá por meio da valorização das raízes culturais e da luta contra os estereótipos raciais.

O impacto do racismo na construção da autoimagem também está relacionado à maneira como os negros se posicionam em relação à sociedade. A percepção de inferioridade, alimentada por séculos de discriminação e estigmatização, pode afetar a confiança e a autoestima dos indivíduos negros. A escola, como um dos principais espaços de socialização, tem um papel determinante na formação dessa autoimagem. Quando os alunos negros não se veem representados ou valorizados, eles podem internalizar os estereótipos raciais e desenvolver uma visão negativa de si mesmos.

A desconstrução do racismo e a valorização da identidade negra são processos fundamentais para a construção de uma autoimagem saudável. A presença de figuras negras de sucesso e a celebração da cultura afro-brasileira no currículo escolar são passos importantes para fortalecer a autoestima dos estudantes negros e para combater os estereótipos raciais. De acordo com Brasil (1998), a identidade não é uma simples cópia ou repetição do que é imposto pela sociedade, mas um processo de reconstrução contínuo que envolve a interação social e a exposição a novas práticas culturais.

Portanto, a promoção de uma educação antirracista e inclusiva é essencial para garantir a construção de uma autoimagem positiva e saudável para os estudantes negros. Como argumenta Góes (2007), a representação simbólica é fundamental para a formação de uma identidade positiva, pois ela atua como um reflexo no qual os indivíduos podem se enxergar e reconhecer seu valor.

A sociedade brasileira carrega um histórico de exclusão racial que se reflete na formação da identidade negra. A desigualdade de oportunidades e a sub-representação da população negra em espaços de poder reforçam estereótipos negativos. Esses aspectos contribuem para a manutenção de estruturas racistas que afetam a autoimagem das pessoas negras, especialmente dos jovens em fase de formação. Segundo Nogueira (2004), o racismo estrutural não apenas discrimina, mas também invalida as experiências dos indivíduos negros.

A escola é um espaço estratégico para o combate ao racismo, pois é nela que se constroem valores, narrativas e práticas que podem desconstruir desigualdades e promover uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora (Carvalho, 2015, p.62).

No âmbito escolar, a introdução de políticas e práticas pedagógicas que valorizem a história e cultura afro-brasileira desempenha um papel significativo na promoção da autoestima dos alunos negros. Para Schucman (2014), essa medida tem potencial para desconstruir estereótipos e contribuir para uma autoimagem mais positiva.

Outro ponto importante é o papel da família na construção da autoimagem. As famílias negras que promovem um discurso de resistência e valorização das próprias origens ajudam a fortalecer a identidade dos jovens. De acordo com Oliveira (2015), o apoio familiar é essencial para a criação de uma autoimagem resiliente, capaz de enfrentar os desafios impostos pelo racismo.

O ambiente digital exerce uma influência significativa na formação da autoimagem, tanto de forma positiva quanto negativa. As redes sociais, por exemplo, podem funcionar como espaços de resistência e empoderamento para jovens negros, permitindo-lhes encontrar referências positivas e fortalecer suas identidades. De acordo com Araújo (2018), as plataformas digitais são paradoxais, uma vez que, embora possibilitem a construção de uma imagem positiva, também são propensas à propagação de estereótipos e discursos racistas, como o bullying racial e a intolerância. Esse contraste cria um cenário complexo, onde os indivíduos negros

devem navegar entre oportunidades e desafios em sua jornada de construção da autoimagem, constantemente confrontados com expectativas sociais muitas vezes distorcidas.

A arte e a cultura desempenham um papel igualmente crucial na construção da autoimagem, especialmente para jovens negros que buscam representação e pertencimento. A presença de figuras negras positivas na mídia, na literatura e em outras formas de expressão cultural proporciona um reflexo mais equilibrado e realista de suas identidades, desafiando a visão monocromática e estereotipada que muitas vezes prevalece. A produção cultural negra, além de ser um ato de resistência, é uma ferramenta poderosa para a reafirmação identitária. Segundo Santos (2020), a arte tem o poder de transformar narrativas e recuperar histórias muitas vezes negligenciadas ou distorcidas, ajudando a fortalecer a autoestima e a promover um senso de valor próprio. Ao trazer à tona a diversidade de experiências e trajetórias, a cultura negra não só enriquece a sociedade em sua totalidade, mas também oferece aos jovens negros uma imagem mais completa e autêntica de quem são.

No contexto da saúde mental, o racismo apresenta-se como um fator de risco significativo para o desenvolvimento de transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão. “O racismo estrutural presente na sociedade brasileira afeta profundamente a construção da autoimagem das mulheres negras, impondo padrões estéticos e comportamentais que desvalorizam suas identidades e potencialidades.” (Silva, 2020, p. 48). A vivência cotidiana de discriminação racial e o impacto das representações sociais negativas podem afetar diretamente o bem-estar emocional e psicológico dos indivíduos negros. A construção de uma autoimagem positiva, portanto, envolve também o cuidado com a saúde mental, uma vez que os danos psicológicos causados pelo racismo podem comprometer a autoestima e a percepção de si mesmo. Lima (2019) ressalta que, para promover uma autoimagem saudável, é fundamental que as ações de combate ao racismo sejam acompanhadas de apoio psicológico adequado, garantindo o bem-estar integral das pessoas negras. A falta de suporte emocional pode exacerbar os efeitos do racismo, tornando ainda mais difícil a construção de uma identidade positiva.

Além disso, a implementação de políticas afirmativas tem demonstrado resultados positivos na construção de uma autoimagem fortalecida entre os jovens negros. Programas de cotas raciais nas universidades, por exemplo, oferecem oportunidades que antes eram negadas, permitindo o acesso ao ensino superior e a

uma maior inserção social. Essas medidas, ao ampliarem as perspectivas educacionais e profissionais, ajudam a desconstruir estereótipos negativos e promovem uma representatividade mais equitativa. A inclusão de pessoas negras em ambientes acadêmicos e profissionais, conforme estudiosos, é uma forma afirmativa da identidade e de fortalecimento da autoestima. Ao desafiar as barreiras históricas que marginalizam os negros, as políticas afirmativas contribuem diretamente para a construção de uma autoimagem mais positiva e empoderada, demonstrando que a luta pela equidade é também uma luta pela dignidade e pelo reconhecimento da identidade negra.

4.1 Reforço da identidade e educação antirracista

O reforço da identidade e a promoção de uma educação antirracista desempenham papéis fundamentais na construção do pertencimento e da autoconfiança dos estudantes negros, influenciando diretamente seu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Quando a escola adota práticas pedagógicas inclusivas e valoriza a história e a cultura afro-brasileira, ela não só transmite conhecimento, mas também contribui para a formação de uma identidade positiva nos alunos negros, ajudando-os a reconhecer seu valor e a importância de suas origens.

Tais ações não se limitam apenas ao ambiente escolar, mas reverberam na vida cotidiana dos estudantes, permitindo-lhes se sentirem representados e respeitados. Quando se considera a história dos negros como parte integrante da narrativa nacional, os alunos negros percebem que suas culturas e identidades têm um lugar legítimo no espaço educacional, o que fortalece sua autoestima e confiança. Isso influencia sua forma de se posicionar no mundo e sua capacidade de enfrentar os desafios acadêmicos com mais resiliência.

Ao se verem refletidos nas histórias e personagens apresentados em livros, filmes e outras produções culturais, os estudantes não apenas se identificam, mas também se empoderam com esses exemplos de resistência e luta. A promoção de uma identidade negra positiva na educação, portanto, vai além da simples aprendizagem de conteúdos, sendo um processo essencial para o fortalecimento da autoconfiança e para o desenvolvimento de um senso de pertencimento robusto e seguro.

A literatura negra tem se mostrado uma ferramenta essencial para a construção de uma identidade mais sólida e positiva para crianças e jovens negros, sendo um dos meios mais eficazes de afirmar a importância da cultura negra no contexto educacional. Autores como Oliveira (2023) destacam a relevância da literatura feminina afro-americana, que não só oferece uma representação rica e diversificada da experiência negra, mas também desafia estereótipos preconceituosos, apresentando modelos de resistência, superação e conquista.

Quando as escolas incorporam essas narrativas, elas proporcionam aos estudantes negros um espelho mais fiel de suas experiências e perspectivas, permitindo que se vejam como protagonistas de suas próprias histórias. A literatura negra, ao refletir a complexidade e a profundidade da vivência negra, fortalece a percepção de que os alunos negros fazem parte de uma história rica, cheia de conquistas e vitórias. Além disso, a inclusão dessas obras na escola vai além de uma simples adição de conteúdo; ela tem o poder de transformar a visão de mundo dos estudantes, desafiando-os a pensar criticamente sobre as questões raciais e sociais.

Essa literatura quando oferecida, não estão apenas educando sobre o passado, mas também preparando os alunos para um futuro de igualdade e reconhecimento. Dessa forma, a literatura se torna uma ferramenta de resistência e afirmação identitária, essencial no processo de construção de uma autoimagem positiva.

O processo de letramento racial crítico, discutido por Ferreira e Gomes (2019), é uma abordagem pedagógica que visa sensibilizar tanto os alunos quanto os professores sobre a falta de representatividade nos materiais didáticos e na mídia. Esse processo busca despertar a consciência dos estudantes sobre as desigualdades raciais presentes na sociedade e nas estruturas educacionais. O letramento racial crítico não se limita apenas a identificar essas desigualdades, mas também a fomentar a reflexão profunda sobre como essas desigualdades afetam as vidas dos indivíduos negros, particularmente no contexto educacional.

Esse processo é, portanto, uma ferramenta de desconstrução dos preconceitos enraizados na sociedade, buscando promover uma conscientização que leve ao respeito e à valorização da diversidade étnica e cultural. Ao envolver alunos e professores em discussões sobre a representatividade e as questões raciais, a educação antirracista se torna uma ferramenta transformadora, desafiando os preconceitos e estereótipos que ainda permeiam as relações sociais. Nesse sentido,

a escola não é apenas um espaço de transmissão de conhecimento acadêmico, mas também um espaço de formação de cidadania crítica e de empoderamento das comunidades marginalizadas.

A reflexão sobre a representatividade nas escolas, quando aliada ao letramento racial, pode resultar na criação de um ambiente mais justo e inclusivo para todos os alunos. A implementação da Lei 10.639/2003, que exige o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, representa um avanço significativo no processo de fortalecimento da identidade negra.

Carreira e Sousa (2013) discutem a importância dessa legislação, que busca combater as desigualdades raciais no ambiente escolar e proporcionar uma educação mais inclusiva e representativa. Contudo, para que essa legislação tenha um impacto real na vida dos alunos, é fundamental que os professores recebam uma formação adequada e sejam sensibilizados sobre a importância de tratar a história e a cultura afro-brasileira com a profundidade que elas merecem.

A formação docente é um elemento crucial para garantir que o ensino sobre a cultura negra não seja superficial ou apenas uma ação pontual, mas sim uma prática integrada no cotidiano escolar. Para que o ensino da história afro-brasileira seja efetivo, os educadores precisam ser capacitados para lidar com os desafios da implementação dessa proposta, conhecendo tanto o conteúdo quanto as metodologias pedagógicas que favoreçam o aprendizado e a reflexão crítica sobre as questões raciais.

Além disso, é necessário que o ensino dessa história seja visto como uma construção contínua, e não como uma abordagem isolada. Quando as escolas incorporam essa legislação de forma sistemática, elas não apenas enriquecem o currículo, mas também oferecem aos estudantes uma educação mais justa e representativa, que reflete a verdadeira diversidade do Brasil.

No campo da educação bilíngue El Kadri, Saviolli e Santos (2022) destacam que a educação antirracista também pode ser incorporada em contextos bilíngues, como no projeto “Global Kids”. Esse projeto, que visa promover a diversidade cultural, serve como exemplo de como práticas pedagógicas inovadoras podem integrar a educação antirracista e fortalecer a identidade dos estudantes negros, incentivando-os a se verem como agentes ativos no processo de aprendizagem e na construção do conhecimento.

A construção de uma identidade negra positiva também passa pela valorização das manifestações culturais, como a música, a dança e as artes visuais, que são expressões de resistência e afirmação das comunidades negras. A inclusão dessas manifestações culturais no currículo escolar contribui para uma maior valorização da cultura afro-brasileira e para o fortalecimento do vínculo dos estudantes com suas raízes. A partir dessa valorização, é possível construir um ambiente escolar mais inclusivo, que respeite e celebre a diversidade racial.

O papel do educador na implementação de uma educação antirracista é essencial, pois ele tem a responsabilidade de criar um ambiente de aprendizagem que seja seguro e acolhedor para todos os alunos, independentemente de sua cor ou origem. A formação contínua dos professores é, portanto, uma necessidade para que eles possam lidar com as questões raciais de maneira sensível e eficaz. A sensibilização dos docentes para as questões de raça e identidade negra pode ser feita por meio de cursos de formação, workshops e grupos de discussão, nos quais os educadores podem refletir sobre suas próprias atitudes e práticas pedagógicas.

A formação de uma identidade negra também está relacionada ao reconhecimento da história dos povos africanos e afro-brasileiros e à compreensão dos processos históricos que moldaram a sociedade brasileira. Munanga (1988) aponta que a construção da identidade negra é um processo que envolve a valorização das raízes culturais, mas também a superação das adversidades impostas pela história do racismo e pela marginalização das culturas negras. O reconhecimento da contribuição dos negros para a construção do Brasil é, portanto, um passo fundamental para a construção de uma identidade mais justa e inclusiva.

A implementação de práticas pedagógicas antirracista nas escolas também contribui para a formação de uma sociedade mais igualitária, na qual o racismo é combatido desde a infância, evitando que os estudantes negros internalizem estereótipos e preconceitos que possam prejudicar sua autoestima. A formação de uma identidade positiva é, assim, um processo contínuo que exige o compromisso de todos os envolvidos na educação, desde os professores até os gestores escolares.

O impacto da educação antirracista vai além da construção da identidade dos alunos negros, pois ela também contribui para a criação de uma cultura de respeito à diversidade no ambiente escolar. O trabalho de Malafaia (2018) destaca a importância de se construir uma educação que valorize a diversidade e que promova o respeito entre os alunos, independentemente de sua origem étnica. A criação de espaços de

diálogo sobre a diversidade racial e a promoção de atividades que envolvam o conhecimento e a vivência das culturas afro-brasileiras são fundamentais para essa transformação.

Além disso, é importante que a escola não apenas valorize a identidade negra, mas também atue no combate ao racismo estrutural que ainda permeia muitas instituições educacionais. O racismo institucionalizado, que se manifesta em práticas discriminatórias veladas ou explícitas, pode ter um impacto negativo na formação da identidade dos estudantes negros, dificultando seu pleno desenvolvimento e acesso às oportunidades educacionais. A desconstrução do racismo nas escolas exige um esforço coletivo, envolvendo toda a comunidade escolar, para que todos os alunos, negros ou não, possam se sentir respeitados e valorizados.

A promoção da educação antirracista deve também ser pensada no sentido de promover a diversidade de formas de expressão e aprendizagem, reconhecendo que cada aluno possui experiências, perspectivas e formas de aprender únicas. As metodologias ativas, que incentivam a participação ativa dos alunos, podem ser uma ferramenta poderosa nesse processo, pois permitem que os estudantes negros compartilhem suas próprias vivências e, ao mesmo tempo, construam uma identidade mais robusta e consciente.

Tais metodologias, que incluem atividades colaborativas, debates, projetos e outras formas de envolvimento, proporcionam um espaço no qual os alunos não apenas aprendem sobre a história e a cultura afro-brasileira, mas também refletem sobre sua própria identidade e seu papel no contexto escolar e social. Ao permitir que os alunos se expressem livremente e se reconheçam como sujeitos de sua própria história, a escola não apenas educa, mas também valida e reforça o valor da identidade negra. Isso vai além de uma simples inclusão de material a ser trabalhado, sendo um processo transformador que contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima e da confiança dos estudantes negros, ao se verem como participantes ativos na construção do conhecimento.

A educação antirracista, portanto, precisa ser pensada de forma dinâmica e interativa, respeitando as diferentes formas de aprendizado e as diversas realidades vividas pelos alunos, criando um ambiente de troca e reconhecimento mútuo.

As ações pedagógicas que visam o reforço da identidade negra não se limitam ao conteúdo acadêmico, mas também à criação de um ambiente escolar que efetivamente valorize e respeite a diversidade racial. A presença de professores

negros, por exemplo, é um fator crucial nesse processo, pois esses educadores não são apenas transmissores de conhecimento, mas também modelos de representatividade e empoderamento para os alunos negros. A adoção de materiais pedagógicos que representem de forma fidedigna a cultura afro-brasileira e a criação de atividades que celebrem a diversidade racial são igualmente essenciais para garantir que a educação escolar não reforce, mas sim desconstrua, estereótipos prejudiciais.

O currículo escolar deve ser enriquecido com obras literárias, filmes, músicas, e outras produções culturais que reflitam as contribuições e a diversidade do povo negro. Além disso, é importante que essas práticas pedagógicas não sejam vistas como ações isoladas, mas sim como componentes estruturais do ambiente escolar, que devem permear o cotidiano de todas as disciplinas e interações entre alunos e professores. A criação de um ambiente escolar que respeite e celebre a diversidade racial não apenas reforça a identidade negra, mas também promove uma cultura de respeito, acolhimento e empatia, essencial para o desenvolvimento de uma educação inclusiva.

Assim, o fortalecimento da identidade negra na escola vai muito além do conteúdo que é ensinado; envolve, também, a criação de uma cultura institucional que valorize as experiências e contribuições dos alunos negros de forma permanente. Em suma, o reforço da identidade negra e a promoção de uma educação antirracista são elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A implementação de práticas pedagógicas que valorizem a cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo em que combatem o racismo estrutural, é uma ferramenta poderosa para transformar a realidade escolar e, por extensão, a sociedade como um todo. Quando a escola se torna um ambiente que promove o pertencimento e a autoconfiança dos alunos negros, ela contribui para o fortalecimento da identidade desses estudantes, que se veem reconhecidos e valorizados em suas particularidades.

Esse fortalecimento da identidade também é essencial para a formação de indivíduos mais críticos e conscientes, que, no futuro, serão capazes de atuar como agentes de mudança em suas comunidades e na sociedade em geral. Assim, a educação antirracista não é apenas uma questão de inclusão, mas também de transformação social, pois ao combater o racismo e valorizar a identidade negra, a escola cria as condições para a construção de um futuro mais inclusivo, respeitoso e

igualitário, onde todos os indivíduos têm as mesmas oportunidades e são tratados com dignidade e respeito.

A implementação da educação antirracista nas escolas é, portanto, um processo complexo que exige um esforço contínuo de sensibilização de todos os membros da comunidade escolar, incluindo alunos, professores, gestores e famílias. Não basta apenas adotar práticas pedagógicas inclusivas, mas também garantir que esses conceitos sejam internalizados por todos os envolvidos no processo educativo.

A adoção de uma abordagem crítica e reflexiva, que questiona as normas sociais, culturais e educacionais, é um dos pilares desse processo. Além disso, é importante que a implementação da educação antirracista seja vista como um processo contínuo, que deve ser renovado e aprimorado constantemente. A construção de uma identidade negra positiva e o combate ao racismo exigem que a comunidade escolar esteja sempre disposta a revisar suas práticas, superar preconceitos e criar novas formas de ensino que atendam às necessidades dos alunos negros.

Isso envolve uma constante reavaliação do currículo, das metodologias de ensino e das interações dentro da escola, para garantir que todos os estudantes, independentemente de sua cor ou origem, se sintam valorizados e respeitados. A educação antirracista, assim, deve ser um compromisso permanente, que exige esforços conjuntos e a conscientização de todos sobre a importância de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao longo do tempo, as ações pedagógicas que visam fortalecer a identidade dos estudantes negros e promover a educação antirracista podem, de fato, contribuir significativamente para a formação de uma sociedade mais inclusiva. Em um ambiente educacional que promove a valorização das diferenças e a construção de uma identidade positiva, todos os alunos, independentemente de sua cor ou origem, têm mais chances de ter acesso a oportunidades iguais.

A educação antirracista, portanto, não é apenas uma questão de justiça dentro da escola, mas também um elemento essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária no futuro. Quando todos os alunos têm a oportunidade de aprender em um ambiente que respeita suas culturas e identidades, eles não apenas se tornam mais conscientes de sua própria identidade, mas também mais empáticos e respeitosos com as diferenças dos outros.

4.2 Práticas pedagógicas curriculares

As práticas pedagógicas curriculares desempenham um papel essencial na promoção da representatividade negra, sendo um dos alicerces fundamentais da educação antirracista. Mesmo após a Lei 10.639/03, sobre a qual fora abordada aqui nesta pesquisa, muitos educadores ainda enfrentam dificuldades em implementar essa legislação de forma efetiva. Segundo Santos (2021), o currículo em muitas escolas permanece centrado em uma visão eurocêntrica, negligenciando a diversidade cultural e histórica dos povos negros.

Essa falta de representação impacta diretamente os estudantes negros, comprometendo sua formação identitária e autoestima. A pesquisa de Teixeira e Cruz (2020) mostra que a invisibilidade das contribuições negras na sociedade brasileira afeta negativamente a percepção que os alunos têm de si mesmos. Por outro lado, quando a história e a cultura afro-brasileira são integradas de forma significativa ao currículo, cria-se um ambiente que valoriza a diversidade e promove o respeito mútuo.

Os materiais didáticos, por sua vez, desempenham um papel central nesse contexto. De acordo com Ferreira e Gomes (2019), a maioria dos recursos pedagógicos utilizados em sala de aula carece de representação negra, tanto em termos de conteúdo quanto de imagens e narrativas. Essa lacuna reforça estereótipos e perpetua a exclusão, dificultando o processo de identificação dos estudantes negros com o ambiente escolar.

Entretanto, avanços podem ser observados em escolas que promovem projetos interdisciplinares e atividades voltadas à valorização da cultura negra. Exemplos positivos incluem experiências em escolas quilombolas, onde a narrativa histórica é resgatada e contextualizada, permitindo que os alunos compreendam suas origens e fortaleçam sua identidade (Santos, 2024). Esse tipo de abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove o empoderamento dos estudantes.

A literatura afro-brasileira tem se mostrado uma ferramenta poderosa na promoção da representação negra. Segundo Silva (2023), a literatura é um instrumento essencial para a construção da identidade dos estudantes negros, pois permite que eles se conectem com suas histórias e ancestrais. Apesar desses avanços, a capacitação dos educadores ainda representa um desafio significativo. Muitos professores não possuem formação adequada para abordar questões relacionadas à história e cultura afro-brasileira, o que compromete a aplicação efetiva

da Lei 10.639/03. Para Santos (2021), a formação continuada é indispensável para preparar os educadores a lidar com a diversidade cultural e promover uma educação antirracista.

Nesse sentido, iniciativas como debates, rodas de conversa e produções artísticas têm se mostrado eficazes para abordar as dinâmicas raciais em sala de aula. A pesquisa de El Kadri, Saviolli e Santos (2022) destaca a relevância de projetos interdisciplinares que integrem diferentes perspectivas culturais, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo.

Uma estratégia promissora para promover uma identidade positiva entre crianças é o uso de atividades lúdicas na educação infantil, especialmente aquelas que valorizam a cultura negra. Azarias e Priotto (2024) destacam que brincadeiras e jogos que envolvem elementos da cultura afro-brasileira são poderosos instrumentos para descolonizar o imaginário infantil. A partir dessas atividades, as crianças têm a oportunidade de se conectar com suas raízes e culturas ancestrais, o que contribui para a construção de uma identidade sólida e positiva.

Essas práticas, além de reforçarem a autoestima, estimulam a reflexão crítica sobre as desigualdades raciais e ajudam a combater estereótipos negativos que, muitas vezes, são perpetuados desde a infância. Ao envolver crianças de todas as etnias em brincadeiras que valorizam a diversidade e a história negra, cria-se um ambiente mais inclusivo e respeitoso, onde os conceitos de igualdade e pertencimento são cultivados de forma natural. Essa abordagem também incentiva o diálogo sobre temas relacionados ao racismo, dando às crianças as ferramentas necessárias para identificar e questionar comportamentos discriminatórios. Dessa maneira, a educação infantil se torna um espaço de resistência cultural, onde as crianças, negras ou não, aprendem a respeitar e celebrar as diferentes heranças culturais presentes na sociedade.

No entanto, apesar dos avanços em algumas áreas da educação, a resistência à implementação de uma educação antirracista ainda é evidente em muitas instituições escolares. Em diversas escolas, a diversidade racial é tratada de maneira superficial, como uma ação pontual ou um simples cumprimento das normas estabelecidas pela legislação.

Para Teixeira e Cruz (2020), isso se deve ao fato de que muitas vezes as práticas pedagógicas relacionadas ao combate ao racismo são inseridas no currículo de forma isolada, sem um compromisso genuíno com a transformação da realidade

escolar. O que se observa, em muitos casos, é a realização de atividades esporádicas, como datas comemorativas ou palestras pontuais, que não são suficientes para promover mudanças efetivas no cotidiano educacional.

A verdadeira transformação ocorre quando a educação antirracista é incorporada de maneira sistemática e permanente, ou seja, quando se torna parte integrante do currículo e das práticas pedagógicas diárias. Isso implica em uma mudança de postura dos educadores, que precisam ser formados e sensibilizados para a importância de tratar o racismo como um tema transversal, presente em todas as disciplinas e em todas as interações no ambiente escolar. Quando isso acontece, a escola se torna um espaço de aprendizado sobre igualdade e respeito, onde as diferenças são valorizadas e o racismo é ativamente combatido.

A revisão do currículo escolar é outro aspecto fundamental para promover a inclusão racial e garantir uma educação que respeite a diversidade e a pluralidade cultural. Gonçalves (2023) argumenta que, ao contrário do que muitos pensam, a revisão curricular não deve se limitar à simples inclusão de conteúdos relacionados à cultura negra. O desafio é mais profundo: trata-se de reestruturar o currículo de forma que ele reflita a verdadeira diversidade da sociedade brasileira. Isso implica em repensar os conteúdos e as abordagens pedagógicas, para que os estudantes, principalmente os negros, possam se ver representados e reconhecer suas próprias histórias e culturas.

Uma abordagem mais inclusiva permite que todos os estudantes, independentemente de sua origem, possam perceber a importância da contribuição negra para a sociedade brasileira. Além disso, essa reestruturação curricular oferece uma oportunidade para combater o apagamento histórico das populações negras, dando visibilidade a suas contribuições e desafios ao longo da história. Para os estudantes negros, ver sua história representada de maneira justa e equilibrada no currículo escolar pode fortalecer sua identidade, aumentar sua autoestima e ajudá-los a se sentir mais pertencentes ao ambiente educacional.

A representação de figuras históricas negras nas escolas também desempenha um papel crucial na valorização da identidade dos estudantes negros e na promoção de uma educação inclusiva. Silva (2024) enfatiza que a inclusão de personalidades negras que tiveram papéis significativos na construção do Brasil, como Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, Dandara e Maria Firmina dos Reis, não só enriquece o aprendizado, mas também oferece exemplos inspiradores para os estudantes.

Essas figuras, muitas vezes negligenciadas nas narrativas tradicionais, são fundamentais para o reconhecimento da contribuição negra na história do país. Quando essas figuras são adequadamente inseridas no currículo escolar, elas ajudam a desmitificar a ideia de que a história do Brasil é uma história homogênea, na qual os negros aparecem apenas como vítimas ou marginalizados. Ao contrário, elas mostram que os negros foram agentes ativos na construção do país, o que fortalece a autoestima dos estudantes e os incentiva a se orgulharem de sua herança cultural.

Além disso, essas representações contribuem para a formação de uma consciência histórica mais completa e justa, permitindo que todos os estudantes, independentemente de sua etnia, compreendam a importância da diversidade racial e cultural no Brasil. Ao dar visibilidade a essas figuras históricas, a escola se torna um espaço de reconhecimento e valorização, onde a história negra é celebrada e respeitada.

A inclusão da cultura afro-brasileira no currículo também deve abranger disciplinas como arte, música e história. Ao abordar temas como a influência africana na culinária, na dança e nas tradições populares, os educadores criam uma conexão mais rica e significativa entre os estudantes e sua herança cultural. Para Malafaia (2018), essa abordagem interconectada promove uma compreensão mais ampla das contribuições negras para a sociedade.

As práticas pedagógicas voltadas para a diversidade também têm o potencial de transformar a relação entre os estudantes. Em ambientes que valorizam a inclusão, há uma maior propensão ao respeito mútuo e à compreensão das diferenças culturais. Gonçalves (2023) destaca que essas dinâmicas favorecem a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Em suma, as práticas pedagógicas curriculares devem ir além do cumprimento de obrigações legais e se tornar um compromisso ético com a educação inclusiva. A promoção da representação negra nas escolas é essencial para fortalecer a identidade dos estudantes e construir um ambiente de aprendizado que reflita a pluralidade da sociedade brasileira. Para que isso seja alcançado, é necessário um esforço coletivo que envolva educadores, gestores e formuladores de políticas públicas. Apenas assim será possível garantir que as escolas se tornem espaços verdadeiramente inclusivos e transformadores.

5 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi desenhada para fornecer uma análise abrangente e reflexiva sobre a importância da representatividade negra nas escolas, especialmente no que tange à formação da identidade dos alunos. Para isso, foi adotada uma abordagem híbrida, combinando uma revisão bibliográfica integrativa com uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e analítica, que envolveu a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes, professores e gestores por meio do Google Forms, em Pinheiro, Maranhão. A utilização do Forms como metodologia foi necessária devido à limitação de tempo relatada pelos professores, o que inviabilizou a realização de entrevistas presenciais. Essa alternativa permitiu otimizar o processo, garantindo maior praticidade para os participantes e viabilizando a coleta de dados de forma eficiente dentro das condições apresentadas.

De acordo com Marconi e Lakatos (2015), a revisão bibliográfica tem o papel de levantar e analisar criticamente as produções acadêmicas sobre o tema. Nessa etapa, foram realizadas buscas em bases de dados confiáveis, como SciELO e Google Acadêmico, com o uso de descritores relacionados à representatividade negra, educação antirracista e identidade racial. O critério de seleção dos artigos considerou a inclusão de obras clássicas, essenciais para fundamentar teoricamente a pesquisa, bem como publicações mais recentes e relevantes. Essa escolha buscou equilibrar a base histórica do tema com as discussões contemporâneas, permitindo uma compreensão aprofundada sobre o assunto em estudo.

Na fase de pesquisa de campo, o estudo se concentrou em investigações exploratórias, com o objetivo de compreender as ramificações no ambiente educacional e as interações entre alunos e professores. Este momento permitiu analisar como as práticas pedagógicas incorporam a temática da representatividade negra no cotidiano escolar. Além disso, a pesquisa proporcionou uma visão crítica sobre os desafios enfrentados pela escola na implementação das diretrizes das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que determinam o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Os participantes da pesquisa foram 10 profissionais da área educacional, incluindo professores e gestores escolares, com idades entre 21 e 52 anos. Entre os professores, havia representantes de diversas disciplinas como: Língua Portuguesa,

Arte, História, Pedagogia entre outras, enquanto os gestores incluíam diretores e coordenadores pedagógicos. A maioria os participantes atuam em escolas publicas nas cidades de São Bento, Palmerândia e Pinheiro.

Essas entrevistas buscaram explorar as percepções e práticas pedagógicas relacionadas à representatividade negra, além de identificar os desafios e as mudanças necessárias para valorizar a cultura afro-brasileira e fortalecer a identidade dos alunos negros. As perguntas formuladas foram projetadas para coletar informações detalhadas sobre como a temática da identidade negra é abordada nas escolas, o papel dos educadores na promoção de uma educação antirracista, e quais ações podem ser implementadas para tornar as práticas pedagógicas mais inclusivas.

A coleta de respostas a essas questões permitiu identificar não apenas a percepção dos participantes sobre a inclusão e valorização da identidade negra na escola, mas também as estratégias e desafios relacionados à implementação de práticas pedagógicas antirracistas. Além disso, o estudo possibilitou uma análise crítica sobre como a ausência de representatividade negra no currículo e no corpo docente pode impactar a autoestima e a formação da identidade dos alunos negros.

A análise dos dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Os resultados obtidos nas entrevistas e observações foram sistematizados em categorias que permitiram identificar padrões de comportamento e de percepção sobre a representatividade negra nas escolas. A interpretação dessas categorias possibilitou uma compreensão mais profunda dos impactos da representatividade negra na construção da identidade e autoestima dos estudantes, assim como das práticas pedagógicas que podem ser adotadas para promover a equidade racial no ambiente escolar.

O respeito aos princípios éticos foi fundamental durante todas as fases da pesquisa. Seguindo as diretrizes da Resolução 466/2012, todos os participantes deram consentimento informado, assegurando a confidencialidade e a integridade dos dados coletados. A pesquisa também foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, garantindo a conformidade com as normas éticas e científicas.

Os resultados desta pesquisa são esperados para contribuir com uma reflexão sobre a importância da representatividade negra na construção de uma educação inclusiva e antirracista. Os achados poderão fornecer subsídios valiosos para educadores, gestores e formuladores de políticas públicas, orientando práticas pedagógicas mais inclusivas e valorizando a diversidade cultural, além de fornecer

uma base para a implementação de estratégias eficazes no combate ao racismo estrutural presente nas escolas. Além disso, a pesquisa pretende destacar a necessidade de fortalecer a presença de referências negras nas escolas, como um caminho para a construção de uma identidade positiva e para a promoção de uma educação que celebre as múltiplas culturas que compõem a sociedade brasileira.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguimos agora com a apresentação dos resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas. Esses resultados serão organizados e analisados com base nas sete perguntas que nortearam as discussões, e estas serão apresentadas de forma clara, por meio de tabelas, que destacam os principais temas e interpretações observadas.

Com base nas respostas foi possível identificar necessidades e dificuldades que os professores e gestores encontram sobre o tema aqui discutido.

Quadro 01: Abordagem da Valorização da Identidade Negra na Escola

PROFESSOR(A)	ABORDAGEM REGULAR DA TEMÁTICA
Professora A	Sim, porém abordamos principalmente no Dia da Consciência Negra
Professor B	Apenas em períodos sazonais
Professora C	Raramente abordada
Professora D	Sim
Professora E	Não
Professor F	Sim, mas pouco se fala
Professora G	Não
Professora H	Sim
Professora I	Sim
Professora J	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise dos dados apresentados no Quadro 01 evidencia um cenário desafiador quanto à valorização da identidade negra no ambiente escolar. A partir das respostas dos professores entrevistados, percebemos que a abordagem da identidade temática da valorização da negra nas escolas é marcada por fragilidades e limitações, refletindo a necessidade de uma transformação estrutural e pedagógica.

Dos 10 professores entrevistados, cinco afirmaram abordar o tema de maneira regular (Professores A, D, H, I e, parcialmente, F). Contudo, é relevante observar que, mesmo entre esses, as ações frequentemente são restritas a momentos específicos, como o Dia da Consciência Negra ou outros períodos sazonais, o que indica uma prática pontual e não integrada ao currículo escolar. Professores como o B e F, por exemplo, mencionam uma abordagem limitada ou esporádica, demonstrando que a valorização da identidade negra não está sendo trabalhada de forma contínua e sistemática.

Por outro lado, outros cinco professores (C, E, G e J) afirmam que relataram ou nunca abordaram a temática em suas práticas pedagógicas. Esse dado é preocupante, pois revela que uma parcela significativa dos docentes não inclui

questões relacionadas à história, cultura e identidade afro-brasileira em suas atividades escolares. Isso pode ser reflexo de diversos fatores, como a falta de formação específica, a ausência de materiais pedagógicos adequados ou até mesmo uma subestimação da relevância desse tema para o processo educativo.

A ausência de uma abordagem regular e consistente da valorização da identidade negra nas escolas reflete uma lacuna significativa na implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as instituições de ensino do país. Essa lacuna pode comprometer não apenas a formação identitária dos alunos negros, mas também a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa (Araújo, 2023).

A análise dos dados permite inferir que a abordagem pontual ou inexistente do tema impacta as qualidades na construção de um ambiente escolar inclusivo. A falta de representatividade e de investigação aprofundada sobre questões raciais reforça desigualdades históricas e limita o desenvolvimento da autoestima e do senso de pertencimento dos alunos negros, que podem não se enxergar representados no espaço escolar (Ribeiro; Oliveira; Novaes, 2022).

Além disso, a sazonalidade das ações evidência um problema estrutural no planejamento pedagógico, em que a temática racial é relegada a dados comemorativos, perdendo a oportunidade de ser um eixo transversal no currículo. Para que a escola tenha efeito um espaço de transformação social, é necessário que a valorização da identidade negra seja integrada de forma contínua e interdisciplinar às práticas pedagógicas (Pimentel; Pereira; Machado, 2023).

Portanto, os resultados reforçam a necessidade de ações formativas que capacitam os professores para abordar a temática de maneira eficaz e intencional. Também é essencial compensar o currículo escolar para incluir narrativas que reflitam a diversidade cultural e histórica do Brasil, promovendo o combate ao racismo e a equidade racial. Esses avanços são fundamentais para que a escola cumpra seu papel na construção de uma sociedade plural e inclusiva.

Quadro 02: Prática de Educação Antirracista na Escola

PROFESSOR(A)	PRÁTICA EDUCATIVA
Professora A	Trabalhamos o respeito às diferenças no dia a dia
Professor B	Apenas um currículo que promove a inclusão temática
Professora C	Apenas um currículo
Professora D	Sim
Professora E	Apenas um currículo
Professor F	Apenas um currículo

Professora G	Sim
Professora H	Até falam sobre
Professora I	Sim
Professora J	Mais o currículo para falar que tem

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise do Quadro 02, que aborda a prática de uma educação antirracista nas escolas, revela que, embora alguns professores reconheçam a importância de práticas educativas externas ao combate ao racismo, ainda há uma predominância de ações superficiais ou limitadas ao currículo escolar, sem uma eficácia transformação pedagógica.

Dos professores entrevistados, apenas quatro (A, D, G e I) afirmaram realizar práticas que podem ser associadas à educação antirracista, embora essas ações sejam descritas de maneira geral, como "trabalhar o respeito às diferenças" ou "sim". É importante destacar que tais práticas, ainda que relevantes, não necessariamente contemplam de forma profunda a complexidade das dinâmicas raciais ou promovem um enfrentamento direto às desigualdades.

Os demais professores (B, C, E, F, H e J) limitaram-se a mencionar a presença de um currículo que inclui o tema, sem detalhar como isso é traduzido em ações concretas no cotidiano escolar. Termos como "um currículo para falar que tem" ou "apenas um currículo" refletem uma abordagem protocolar ou simbólica, em que a inclusão da temática no planejamento pedagógico não é incluída de práticas significativas e transformadoras.

Os dados evidenciam que a prática de uma educação antirracista ainda enfrenta obstáculos importantes nas escolas. Uma abordagem superficial, limitada ao currículo formal, sugere que muitos professores não possuem instalações ou recursos suficientes para implementar estratégias eficazes que desafiem estruturas racistas ou promovam a equidade racial. Isso pode ser resultado de lacunas na formação inicial e continuada dos educadores, bem como da falta de diretrizes claras que estimulam a prática antirracista como um eixo central no ambiente escolar (Silva; Silva, 2021).

Além disso, a análise nos permite interpretar que o uso do currículo como justificativo para abordar a educação antirracista aponta para um entendimento limitado do conceito. De acordo com Braúna; Silva Souza e Sobrinha (2022) uma prática verdadeiramente antirracista não se restringe ao conteúdo do currículo, mas exige ações intencionais, que incluam debates, reflexões e atividades que promovam

a desconstrução de estereótipos, a valorização da diversidade e o enfrentamento direto às manifestações de racismo.

Por outro lado, é relevante notar que há professores que relacionam práticas relacionadas ao respeito às diferenças e à inclusão temática. Embora ainda insuficientes, essas ações representam um ponto de partida para a transformação. Contudo, é essencial que sejam ampliadas e aprofundadas para que tenham impacto real na formação dos alunos e no combate às desigualdades raciais.

A análise dos resultados reforça a necessidade de investimentos na formação continuada dos professores, com enfoque específico na educação antirracista. É necessário que as escolas ofereçam suporte, como materiais pedagógicos, orientações práticas e espaços de diálogo, para que os educadores se sintam preparados e capacitados para lidar com as questões raciais de forma intencional e transformadora (Silva, 2021).

Além disso, é fundamental que o currículo escolar seja revisitado para que a educação antirracista seja integrada de forma transversal e contextualizada, indo além da simples inclusão temática e promovendo ações concretas que contribuam para a desconstrução do racismo estrutural. Por fim, a prática antirracista deve ser uma prioridade coletiva da escola, envolvendo não apenas os professores, mas toda a comunidade escolar, incluindo gestores, alunos e famílias. Apenas com conjuntos de esforços será possível construir uma educação que celebre as múltiplas identidades e culturas da sociedade brasileira e contribua eficazmente para a promoção da equidade racial.

Quadro 03: Mudanças Sugeridas para Maior Visibilidade do Tema

PROFESSOR(A)	SUGESTÃO DE MUDANÇA
Professora A	Explorar mais o tema durante o planejamento das aulas
Professor B	Metodologia de ensino aplicada
Professora C	Abordagem holística durante todo o ano
Professora D	Prática antirracista regular
Professora E	Palestras informativas
Professor F	Adesão de projetos ao longo do ano
Professor G	Implementar o currículo existente
Professor H	Oficinas, saraus e exposições artísticas
Professor I	Estratégias práticas para lidar com preconceito
Professor J	Currículo intercultural com foco em saberes negros

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

As sugestões refletem diferentes perspectivas e níveis de profundidade em relação à integração do tema no cotidiano escolar. Algumas abordagens abordam

mudanças no currículo, como a implementação de um currículo intercultural com foco em saberes negros (Professor J) e a aplicação prática do currículo existente (Professor G). Essas propostas indicam uma preocupação com a estruturação do ensino e a necessidade de que os conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira sejam apresentados de forma transversal e contínua.

Outros professores sugerem práticas pedagógicas específicas para abordar o tema, como a realização de workshops, saraus e exposições artísticas (Professor H) e a adesão de projetos ao longo do ano (Professor F). Essas ideias destacam a importância de ações criativas e interativas que engajem os alunos e promovam a valorização da diversidade cultural.

Há também um foco em estratégias de conscientização e capacitação, como palestras informativas (Professor E) e estratégias práticas para lidar com preconceito (Professor I). Essas sugestões sugerem a importância de preparar tanto professores quanto os alunos para enfrentar o racismo e promover um ambiente de respeito e inclusão.

Por fim, alguns professores sugerem mudanças mais amplas e estruturais, como a adoção de uma abordagem holística durante todo o ano (Professor C) e a prática regular de ações antirracistas (Professor D). Essas proposições reforçam a necessidade de que o tema da representatividade negra seja parte integrante da rotina escolar, em vez de ser tratado de forma pontual ou sazonal.

Para Santos (2024) os professores reconhecem a necessidade de mudanças significativas para garantir maior visibilidade ao tema da representatividade negra. No entanto, a diversidade das propostas também revela a ausência de um consenso ou de diretrizes claras sobre como implementar essas mudanças. Isso aponta para a necessidade de uma articulação mais sólida entre as políticas públicas educacionais e as práticas pedagógicas no cotidiano escolar.

Os dados permitem identificar que as sugestões dos professores podem ser categorizadas em três dimensões principais: (1) mudanças curriculares, (2) práticas pedagógicas específicas e (3) capacitação e capacitação. Essa categorização pode servir como base para a formulação de estratégias integradas que contemplam tanto o planejamento de longo prazo quanto as ações imediatas.

Quadro 04: Posicionamento dos Educadores sobre a Questão

PROFESSOR(A)	POSICIONAMENTO
Professora A	Pertinente e essencial para a sociedade
Professor B	Deve ser abordado de forma mais explícita
Professora C	Busca criar um ambiente inclusivo
Professora D	Deveríamos conscientizar os estudantes
Professora E	Muito relevante e importante. Deviam ter mais informações sobre
Professor F	Deve ser sempre discutido e ser posto em formações continuada
Professora G	Escolas precisam de práticas eficazes e reais
Professora H	Combater discriminação é essencial para a inclusão
Professora I	Necessário criar metodologias e dar visibilidade ao tema
Professor J	Garantir que a temática seja mais trabalhada. Ou que nós educadores recebamos mais sobre ela

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise do Quadro 04, que apresenta os posicionamentos dos educadores sobre a questão da representatividade negra e sua relação com a educação, revela um consenso quanto à relevância do tema e a necessidade de ações concretas para abordá-lo nas.

A maioria dos educadores mantém a importância do tema para a sociedade e o ambiente escolar. Professores como A e E destacam que a questão é "pertinente e essencial" e "muito relevante e importante", apontando uma preocupação com a falta de informações suficientes para aprofundar o debate. Outros, como H e G, enfatizam a necessidade de ações mais concretas, destacando que combater a discriminação e adotar "práticas, práticas e reais" são passos fundamentais para promover a inclusão.

Alguns educadores, como B e D, direcionam suas observações para a abordagem pedagógica, apontando que o tema deve ser tratado de forma mais explícita e que é necessário conscientizar os estudantes sobre o racismo e a representatividade. Oliveira (2022) afirma que essa percepção ressalta a importância de integrar a temática de maneira direta no planejamento pedagógico, indo além de abordagens superficiais.

Outros professores, como F, I e J, abordam a necessidade de formação continuada para os educadores, bem como o desenvolvimento de metodologias específicas para dar visibilidade ao tema. Esses posicionamentos indicam que, embora reconheçam a relevância da questão, muitos professores sentem que faltam ferramentas e preparo para lidar com ela de forma eficaz.

Os dados evidenciam que os educadores consideram o tema da representatividade negra indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, as falas também sugerem um sentimento de insuficiência

em relação às práticas exigidas atualmente nas escolas, refletindo uma necessidade de maior suporte institucional e formação pedagógica.

A análise de Bardin permite identificar que os posicionamentos se agrupam em três categorias principais: (1) reconhecimento da relevância do tema, (2) exigência por estratégias pedagógicas específicas e (3) necessidade de capacitação e apoio para os educadores. Esses agrupamentos segundo Pereira (2021) evidenciam que, embora exista consciência sobre a importância do tema, a tradução desse entendimento em práticas concretas ainda enfrenta desafios estruturais e culturais.

Os posicionamentos mais enfáticos, como os de F, G e H, indicam que parte dos professores compreende a urgência de reforçar a discriminação e implementar ações efetivas. Contudo, a recorrência de termos como "deveríamos", "deveríamos ser" e "precisamos" sugere que essas ações ainda não são amplamente inovadoras, permanecendo como perspectivas ou propostas futuras.

Ao interpretar esses, fica evidente que, para avançar na promoção da representatividade negra e na luta contra o racismo nas escolas, é necessário superar as limitações de conhecimento e recursos enfrentados pelos educadores. Embora os posicionamentos revelem um consenso sobre a importância do tema, a efetividade das ações dependerá da capacidade das escolas e sistemas educacionais de transformar essa conscientização em práticas pedagógicas estruturadas e impactantes (Nunes, 2021).

Quadro 05: Perspectiva Diferente Apresentada

PROFESSOR(A)	PERSPECTIVA DIFERENTE?
Professora A	Não
Professor B	Não
Professora C	Sim
Professora D	Não
Professora E	Não
Professor F	Não
Professora G	Sim
Professora H	Não
Professora I	Não
Professor J	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise do Quadro 05, que aborda a questão dos educadores que apresentam ou não uma perspectiva diferente sobre a representatividade negra no ambiente escolar, revela um panorama de estagnação em relação à abordagem

tradicional do tema. Os dados indicam que a maioria dos professores (8 de 10) não introduz uma perspectiva alternativa ou inovadora em suas práticas pedagógicas.

Dos dez professores entrevistados, apenas dois (C e G) afirmaram trazer uma perspectiva diferente sobre a temática. Isso sugere que, embora exista um reconhecimento da relevância do tema nos contextos anteriores (Quadro 04), a prática pedagógica ainda se mantém restrita a abordagens mais convenientes e limitadas, sem explorar novas narrativas ou metodologias que poderiam enriquecer o debate.

A ausência de perspectivas diferentes na maioria dos casos reflete uma possível dificuldade ou falta de incentivo para inovar na abordagem pedagógica. As razões para isso podem incluir a falta de formação específica, a ausência de recursos pedagógicos que incentivem uma abordagem crítica e diversificada, ou ainda limitações impostas pelo currículo tradicional (Deus, 2023).

A predominância de respostas negativas neste quadro evidencia um desafio estrutural significativo: a reprodução de práticas já condicionais, que, embora possam tocar superficialmente na temática da representatividade negra, não são suficientemente transformadoras para criar impacto real no ambiente escolar. Para Sousa *et al.*, (2022) a necessidade de investir na formação docente e na criação de espaços para a troca de experiências entre educadores, que possibilitem o compartilhamento de práticas inovadoras.

Os dois casos em que os professores afirmaram abordar perspectivas diferentes (C e G) destacam abordagens importantes e sugerem que, onde há espaço para inovação, é possível ampliar o alcance da discussão e propor abordagens mais engajadoras. Contudo, o número limitado de professores que exploram essas possibilidades demonstra que essa prática ainda é marginal e não representa a realidade da maioria das escolas.

Em suma, os resultados deste quadro revelam que, embora a temática da representatividade negra seja reconhecida como relevante, sua abordagem permanece limitada pela falta de inovação e aprofundamento. Isso reforça a necessidade de mudanças estruturais e culturais nas escolas para que as perspectivas alternativas possam ser amplamente internas, contribuindo para a formação de uma educação antirracista mais eficaz e inclusiva.

Quadro 06: Contribuições Docentes para a Representatividade Negra

PROFESSOR(A)	CONTRIBUIÇÃO
Professora A	Trabalha o respeito à diversidade
Professor B	Aborda respeito e compreensão
Professora C	Cita pessoas importantes e trabalha autoestima
Professora D	Diálogo para conscientização
Professora E	Traz exemplos de figuras negras
Professor F	Promoção de trabalhos sobre a temática
Professora G	Ensino da história africana
Professora H	Roda de conversa para reflexão
Professora I	Práticas pedagógicas com saberes históricos
Professor J	Contribui para a construção da identidade

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise do Quadro 06 evidencia um esforço diversificado por parte dos professores para contribuir com a representatividade negra no ambiente escolar. As ações relacionadas variam em profundidade e impacto, refletindo diferentes níveis de engajamento com o tema. Alguns educadores, como a Professora A e o Professor B, concentram-se na promoção do respeito à diversidade e da compreensão das diferenças, utilizando essas abordagens como base para um ambiente mais acolhedor e menos discriminatório. Já a Professora D utiliza o diálogo como ferramenta para conscientizar os alunos, destacando a importância de discussão no espaço escolar.

Como argumenta a autora: “as escolas são ambientes sociais e culturais, onde existem diferenças. A ausência de professores, autores e funcionários negros nas escolas demonstra o quanto o racismo estrutural ainda está enraizado em nosso país.” (Santana, 2021, p. 34).

Outros professores optam por práticas, mais práticas e exemplificativas, como a Professora C, que cita pessoas negras importantes e trabalha a autoestima dos estudantes, e a Professora E, que traz exemplos de figuras negras como forma de enriquecer as aulas. O Professor G vai além, ensinando a história africana, e a Professora I utiliza práticas pedagógicas baseadas em saberes históricos, promovendo um olhar mais crítico e contextualizado sobre a cultura afro-brasileira.

Há também iniciativas reflexivas e criativas, como as rodas de conversa realizadas pela Professora H, que estimulam a reflexão e o pensamento crítico dos alunos. Além disso, o Professor F e a Professora J destacam a importância de promover trabalhos sobre a temática e contribuir para a construção da identidade dos estudantes, respectivamente, evidenciando a relevância de práticas pedagógicas que favorecem a valorização e o pertencimento.

As contribuições dos professores mostram um comprometimento com o tema, mas também refletem a necessidade de maior articulação e aprofundamento. Enquanto algumas ações, como as de G e I, apresentam um entendimento mais amplo sobre a importância da representatividade negra, outras, focadas apenas na promoção do respeito e compreensão da compreensão, indicam que há espaço para fortalecer a abordagem pedagógica. Isso reforça a necessidade de formações continuadas e diretrizes claras para que os educadores possam integrar o tema de maneira consistente e transformadora, promovendo uma educação antirracista eficaz (Silva, 2021).

Quadro 07: Comentários Adicionais sobre a Pesquisa

PROFESSOR(A)	COMENTARIOS
Professora A	Necessário implantar metodologias mais complexas
Professor B	Tema importante para a aceitação e identidade
Professora C	No momento, não
Professora D	Mais projetos sociais
Professora E	Tema muito relevante
Professor F	Não
Professor G	Parabéns
Professora H	Não
Professora I	Pesquisa importante para dar visibilidade ao tema
Professora J	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise do Quadro 07, que reúne os comentários adicionais dos professores sobre a pesquisa, reflete diferentes níveis de envolvimento e percepção sobre o tema investigado. Enquanto alguns professores aproveitam o espaço para apresentar sugestões ou reforçar a relevância da pesquisa, outros optaram por não fazer observações adicionais.

A Professora A destacou a necessidade de implantar metodologias mais complexas, indicando que abordagens mais estruturadas poderiam ampliar o impacto da temática no contexto educacional. O Professor B reforçou a importância do tema para a facilidade e construção da identidade dos estudantes, confirmando o papel central que a representatividade negra desempenha nesse processo. A Professora D sugeriu a implementação de mais projetos sociais, apontando para a necessidade de ações práticas que extrapolem a sala de aula e envolvam a comunidade escolar em um esforço coletivo.

Como aponta Silva, “a representatividade negra na educação não se resume apenas à presença física de professores negros, mas à construção de um currículo e

práticas pedagógicas que desafiem os estereótipos e abram espaço para a pluralidade cultural” (Souza, 2021, p. 43).

Outros professores, como a Professora E e a Professora I, destacaram a relevância da pesquisa, com a Professora I enfatizando a importância de dar visibilidade ao tema. Já o Professor G aproveitou o espaço para elogiar a iniciativa, deixando um reconhecimento positivo ao trabalho desenvolvido. Por outro lado, os comentários das Professoras C, F, H e J indicaram ausência de sugestões ou contribuições adicionais.

Esses resultados evidenciam que, embora a maioria dos professores reconheça a relevância do tema, existe uma lacuna na apresentação de propostas concretas ou no aprofundamento do debate. A ausência de comentários por parte de alguns professores pode sugerir uma necessidade de maior engajamento ou de formação específica para que se sintam mais seguros em proporção a ações relacionadas ao tema. Assim, a pesquisa se revela fundamental não apenas para dar visibilidade à representatividade negra, mas também para inspirar educadores a adotarem práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa refletem os principais achados e as implicações do estudo sobre a representatividade negra nas escolas. Ficou evidente que essa representatividade é essencial para a formação de uma identidade positiva entre estudantes negros, fortalecendo sua autoestima e promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo. A presença de referências negras no currículo e no corpo docente é crucial para que esses alunos compreendam sua história e se reconheçam como sujeitos ativos de suas trajetórias.

Uma revisão bibliográfica destacou o debate crescente sobre a educação antirracista e a importância de combater o racismo estrutural nas escolas, valorizando a história e a cultura afro-brasileira, conforme estabelecido pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08. No entanto, uma pesquisa revelou dificuldades na implementação dessas políticas devido à resistência de educadores e gestores, falta de preparos adequados e escassez de materiais pedagógicos.

As entrevistas evidenciaram a necessidade de capacitação contínua de professores e maior comprometimento da gestão escolar para transformar diretrizes legais em práticas efetivas. A pesquisa também apontou o impacto positivo da representatividade negra na autoestima dos alunos, reforçando o papel da educação como instrumento de transformação social.

Em termos de contribuição para a prática educacional, este estudo aponta para a necessidade de revisar e ampliar as práticas pedagógicas nas escolas, de forma a integrar de maneira mais eficaz a temática racial em todas as disciplinas, e não apenas nas áreas que tradicionalmente abordam essas questões. Isso implica em uma mudança de paradigma, onde a educação antirracista deve ser uma prática presente em todos os aspectos da vida escolar, desde o currículo até a gestão escolar, passando pelas metodologias de ensino e avaliação. Apenas dessa forma será possível construir um sistema educacional verdadeiramente inclusivo e que reconheça a importância da diversidade racial e cultural.

A pesquisa também contribui para o entendimento de que a representatividade negra não deve ser tratada apenas como uma questão de presença, mas de valorização real. É necessário que os educadores e gestores escolares compreendam a importância de um ensino que não apenas mencione, mas que reconheça e celebre as contribuições históricas e culturais dos negros na sociedade. As práticas

pedagógicas devem ser pensadas de maneira a promover o respeito à diversidade racial e cultural, assegurando que todos os alunos se sintam parte de um projeto educacional que valorize suas raízes e sua identidade. Este estudo evidencia que a representatividade negra nas escolas é um elemento fundamental para a construção de uma educação inclusiva, que valorize a diversidade cultural e promova a equidade racial.

A implementação efetiva de políticas públicas relacionadas à educação antirracista, a formação contínua dos educadores e o fortalecimento da presença de referências negras no currículo e no corpo docente são medidas essenciais para garantir que todos os alunos, especialmente os negros, se sintam valorizados e possam desenvolver sua identidade de maneira positiva e plena. Essas mudanças são imprescindíveis para a construção de um futuro mais justo e igualitário para todos.

Por fim, este estudo reafirma a importância de integrar a temática racial de maneira transversal no currículo escolar, promovendo uma educação antirracista que valorize a diversidade cultural e garanta que todos os alunos, especialmente os negros, se sintam valorizados e desenvolvam plenamente suas identidades. Essas medidas são indispensáveis para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

AZARIAS, Clodoaldo Reis; PRIOTTO, Elis Maria Teixeira Palma. Brincadeira na escola é coisa séria: o professor e o lúdico como ferramenta para a educação antirracista na educação infantil. **Revista de Educação e Ensino da Faculdade Unina**, v. 4, n. 1, 2024.

BRASIL DE FATO. Racismo e machismo mantêm mulheres negras no grupo de menores salários do país. 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/11/19/racismo-e-machismo-mantem-mulheres-negras-no-grupo-de-menores-salarios-do-pais>. Acesso em: 15. nov.2024.

BRASIL. História e Educação do Negro no Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC,2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAÚNA, Carla Jeany Duarte; DA SILVA SOUZA, Davison; SOBRINHA, Zélia Maria Lemos Andrade. Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. **Ensino em Perspectivas**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.

BUGNI, Edson Júnior dos Santos; PORTO, Renata. A educação para as relações étnico-raciais na educação básica a partir da Lei 10.639/03. **Revista Internacional de Debates da Administração Pública**, São Paulo, SP, v. 3, n. 1, p. 33-47, jan./dez. 2018.

BURATO, Lucas Adriano de Souza. Representatividade negra e educação física escolar: um estudo de revisão sistemática da literatura. 2023.

CARREIRA, Denise; SOUSA, Ana Lúcia Silva. **Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola**. São Paulo: Ação Educativa, 2013. 112 p. ISBN 978-85-86382-26-0.

CARVALHO, Fernanda. Lei 10.639: o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. EBC – TV Brasil. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/nacao/episodio/lei-10639-o-ensino-da-historia-e-da-cultura-afrobrasileira-e-africana-nas-escolas>. Acesso em: 12 out. 2023.

CARVALHO, José Jorge de. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei 10.639/03. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CANDIDO, Maria Aparecida. Educação e relações étnico-raciais: práticas e reflexões. São Paulo: Cortez, 2021.

CONSORTE, D. **A identidade negra e os desafios da construção subjetiva no Brasil**. Editora ABC, 1999.

DA SILVA, Assis Leão; DA SILVA, Clesivaldo. A Base Nacional Comum Curricular e a Educação Étnico-Racial na promoção de uma educação antirracista. **Revista eletrônica pesquiseduca**, v. 13, n. 30, p. 553-570, 2021.

DAMASCENA, Q.; MIRANDA, E. Caminhos identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva. **Revista de História da UEG**, v. 7, n. 1, p. 145-155, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view>. Acesso em: 10 out. 2023.

DE ARAÚJO, Eleno Marques et al. Lei 10.639/2003: a educação étnico-racial como uma linha dos direitos humanos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 9, p. 17387-17399, 2023.

DE JESUS FERREIRA, Aparecida; GOMES, Cássio Murilo Lourenço. Letramento racial crítico: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia. **UniLetras**, v. 41, n. 1, p. 123-127, 2019.

DE OLIVEIRA, Debora Santos. A lei n. º 10.639/2003: educação antirracista e regime de informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, n. Especial, 2022.

DEUS, Luciana de Sousa de. **E existe príncipe preto, professora? Narrativas orais de professoras sobre racismo e antirracismo nos currículos e práticas pedagógicas da Educação Infantil na cidade de São Paulo**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DOS SANTOS, Caroline Delfino. "SOU PRETO PORQUE MINHA MÃE É PRETA": OLHARES SOBRE A INFÂNCIA E SUAS CORES. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 2, p. 496-512, 2020.

DOS SANTOS, Cleverson da Silva Fleming. O Brasil de Gilberto Freyre em questão: a "democracia racial" no concerto das nações. **Novos Debates**, v. 8, n. 1, 2022.

EL KADRI, Michele Salles; SAVIOLLI, Vivian Bergantini; SANTOS, Cecília Gusson. Rumo a uma educação antirracista na educação bilíngue: a proposta do "Global Kids". **Entretextos**, v. 22, n. 2Esp., p. 107-129, 2022.

GANEM, Valérie. Legado da Escravidão Transatlântica e condutas atuais no trabalho. In: **EITA**. 2022.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GONÇALVES, Rosângela Cristina. Nossas narrativas negras: memórias, identidades e educação. 2023. Tese de Doutorado. [sn].

GUIMES FILHO, P.; BERNARDES, P.; NASCIMENTO, L. **Racismo e educação: uma análise crítica das relações raciais no Brasil**. Editora Jota, 2012.

KOWALSKI, D.; PEDROSO, C. Desafios e possibilidades na implementação da Lei 11.645/08: um olhar para a educação étnico-racial. **Revista de Educação e Cultura Afro-Brasileira**, 2020.

LEAL, Halina Macedo. Lélia Gonzalez: filósofa e feminista negra brasileira. **Prometheus-Journal of Philosophy**., v. 16, n. 46, 2024.

LUTIFE, Lara de Sousa. Os debates acerca da escravidão no Brasil na segunda metade do século XIX. **Genocídios na História: passados, presentes, futuros**, p. 71, 2021.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: X COPENE: Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia-MG, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra: diversidade de contextos e problemas ideológicos**. São Paulo: Educ, 1988. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_ConstrucaoDaldentidadeNegraDiversidadeDeContextosEProblemasIdeologicos.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Educação antirracista para crianças pequenas: ideias para começar um novo mundo. **Zero-a-seis**, v. 23, n. 2, p. 58-76, 2021.

OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE. A representatividade negra na mídia brasileira enfrenta obstáculos significativos. 21 ago. 2023. Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/noticias/21-08-2023/#:~:text=A%20representatividade%20negra%20na%20m%C3%ADdia%20brasileira%20enfrenta%20obst%C3%A1culos%20significativos%2C%20incluindo,moldando%20um%20cen%C3%A1rio%20mais%20inclusivo>. Acesso em: 10 de dez. 2024.

PEREIRA, Amilcar A. Narrativas de (re) existência e educação antirracista. Narrativas de (re) existência-antirracismo, história e educação. **Campinas: EdUnicamp**, p. 49-76, 2021.

PIMENTEL, Celeste Aparecida; PEREIRA, Antonio; MACHADO, Célia Tanajura. Nós temos racismo sim, deveríamos agir contra e não só discutir: o currículo praticado e as questões étnico-raciais na escola. **Revista Linhas**, v. 24, n. 55, p. 124-153, 2023.

POLITIZE! Movimento Negro Unificado: o que é e por que ele é tão importante? Politize, [s.d.]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro-unificado/>. Acesso em: 09 dez. 2024

RIBEIRO, Lorena de Almeida; OLIVEIRA SANTOS, Yure; NOVAIS OLIVEIRA, Jenyffer. RACISMO ESTRUTURAL: AS DESIGUALDADES HISTÓRICAS DE RAÇA NO BRASIL. **Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493**, v. 14, n. 1, p. 2647-2651, 2022.

SANTOS, Daniela da Silva Souza. Educação Antirracista. **Revista Primeira Evolução**, v. 1, n. 53, p. 25-30, 2024.

SANTANA, Camila Juliana. A construção da identidade negra e a importância da representatividade na educação escolar: um estudo sobre o racismo e a presença de professores negros nas escolas. 2021. 62 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pampa, Campus São Gabriel, São Gabriel, 2021. Disponível em:

<https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/8250/1/CAMILA%20JULIANA%20SANTANA.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2024.

SANTOS, Vera Lúcia Bispo dos. Os desafios da formação de professores para uma educação antirracista: práticas em torno da Lei 10.639/2003 na Escola Municipal Professor Magalhães Netto, Madre de Deus/BA. 2021.

SILVA, Bruna Viviane Cardoso de Oliveira. Representatividade negra: uma análise acerca da importância da literatura feminina afro-americana da segunda metade do século XX. 2023.

SILVA, F. A construção da identidade negra e os impactos da exclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação**, 12(3), 70-85, 2000.

SILVA, Marcos Antonio Batista da. Educação antirracista no contexto político e acadêmico: tensões e deslocamentos. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. e226218, 2021.

SILVA, Maurício. Da educação eurocêntrica à educação antirracista: uma introdução. **Dialogia**, n. 38, p. e20213-e20213, 2021.

SILVA, Sandra Pereira da. A representatividade negra na literatura brasileira infanto-juvenil: reflexões e apontamentos. 2024.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Fausto Ricardo Silva et al. Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social. **Práxis Educativa**, v. 17, 2022.

SOUZA, M. L. A formação da identidade negra no Brasil: desafios e perspectivas. São Paulo: Educ, 1983.

SOUZA, Maria Lúcia. Educação e representatividade negra: contribuições para uma pedagogia antirracista. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://www.uema.br/dissertacoes/educacao-e-representatividade-negra.pdf>. Acesso em: 16 dez.2024.

SOUZA, R. **Ser negro: a identidade negra na sociedade brasileira**. Editora Z, 1983.

TEIXEIRA, Maria Antonieta; DA CRUZ, Daiane Oliveira. A formação identitária negra frente à educação antirracista: uma análise a partir da narrativa autobiográfica. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 22, n. 3, p. 421-439, 2020.

VAN DIJK, Teun A. O DISCURSO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO NO BRASIL. **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo-SP)**, p. 109, 2023.

VIEIRA, Flávia Maria Silva. Resistência e luta do movimento negro no Brasil: da rebeldia anônima na sociedade escravocrata ao enfrentamento político na sociedade de classes. **Revista da ABPN**, v. 8, n. 20, p. 23-38, jul. 2016 – out. 2016.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO

PESQUISA SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA ESCOLA.

Prezado/a Colaborador/a.

Meu nome é Rayanne Gabriele, sou acadêmica do curso de Pedagogia/ UEMA Campus Pinheiro, estou realizando uma pesquisa como parte do meu trabalho de Conclusão de curso (TCC), cujo título é: Como a Representatividade Negra contribui para a construção da identidade nas escolas. Sua contribuição em responder este questionário é muito relevante, tanto para mim quanto para sociedade. Garanto sigilo de todas as respostas e informações que aqui estarão contidas. Agradeço desde já a sua colaboração!

A escola onde você trabalha aborda regularmente a temática de valorização da identidade negra?

Nas escolas existe uma prática de educação antirracista ou apenas um currículo que promove a inclusão da temática?

Quais mudanças poderiam ser implementadas para dar maior visibilidade ao tema?

Como Educador(a), qual é o seu posicionamento sobre essa questão?

Você teve alguém que apresentasse uma perspectiva diferente referente ao tema?

Como docente, quais contribuições você realiza ao longo do percurso escolar para promover a representatividade negra?

Há algo que gostaria de atribuir a pesquisa?